

# O cenário da violência em destaque: discutindo os atuais ataques nas escolas de educação básica no Brasil

## RESUMO

Os recentes ataques violentos ocorridos em escolas de educação básica de diferentes regiões do Brasil têm sido alvo de inúmeros debates e reflexões. No presente texto, trouxemos algumas dessas discussões com o objetivo de refletir sobre os fatores socioculturais que influenciam e se relacionam com aumento da violência e ataques nas escolas de Educação Básica. Para isso, trouxemos alguns termos importantes nas discussões sobre violência escolar e discorremos sobre os fatores que podem interferir no aumento dos casos de violência nas escolas, a fim de discutir sobre a forma como os jovens podem ser influenciados pela indústria cultural em suas práticas escolares. A metodologia utilizada partiu de uma análise bibliográfica e documental, sob uma abordagem qualitativa e contou com a análise de manchetes de jornais eletrônicos e algumas postagens envolvendo casos recentes de violência escolar. Dentre os principais resultados alcançados, sugere-se a promoção de estratégias para que o espaço escolar não continue sendo alvo de episódios de violência, como vem acontecendo nos últimos anos. Entre essas estratégias, podemos citar a união entre escola e família, o trabalho da gestão escolar e ações provenientes do estado, traduzindo-se em um trabalho conjunto e inter-relacionado desses agentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência escolar. Educação básica. Indústria cultural.

**Valdirene de Jesus Ferreira**

[vjferreira@estudante.ufscar.br](mailto:vjferreira@estudante.ufscar.br)

<https://orcid.org/0000-0001-6432-0407>

Universidade Federal de São Carlos,  
São Carlos, São Paulo, Brasil

**Mayra Silva dos Santos**

[mayra.silva@estudante.ufscar.br](mailto:mayra.silva@estudante.ufscar.br)

<https://orcid.org/0000-0001-7274-3645>

Universidade Federal de São Carlos,  
São Carlos, São Paulo, Brasil

**Silvana Barreto Oriente**

[silvaboriente@gmail.com](mailto:silvaboriente@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-7957-0070>

Universidade Federal de São Carlos,  
São Carlos, São Paulo, Brasil

## INTRODUÇÃO

A escola desempenha um papel notável na vida de crianças e jovens, constituindo-se como um agente de socialização desses sujeitos. As mudanças ocorridas na sociedade, relacionadas ao crescimento do número de instituições educativas e do interesse do estado brasileiro em construir uma nação “civilizada,” a partir do século XIX, influenciaram no fortalecimento do papel da educação para o desenvolvimento do país, nesse sentido, a escola assumiu o dever de disseminar conhecimentos, valores e princípios por meio da socialização dos indivíduos no seu interior.

A Constituição Federal (CF) de 1988 prevê que a educação é direito e dever do Estado e se molda como direito inalienável da pessoa humana e dos diversos grupos socioculturais (Brasil, 2023). O art. 205 da CF define como objetivo da educação “o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2023, p. 173).

Para Solheid e Stigar (2010, p.22) a educação em direitos humanos, tem como objetivo a promoção e formação de sujeitos críticos “com potencial para agir em defesa e proteção da dignidade, por meio da promoção e da vivência da liberdade, da justiça, da igualdade, da solidariedade, enfim a alteridade nas relações humanas”. Cabe dizer que esses direitos são interrelacionados e interdependentes, devendo ser igualmente respeitados, promovidos e protegidos, no entanto, é comum ocorrer a violação desses direitos, implicando em diferentes formas de violência (física, psicológica, emocional, simbólica), com vítimas em todos esses tipos de casos. Nesse sentido, é possível perceber a multidimensionalidade e a complexidade desses acontecimentos que atemorizam a sociedade dentro e fora do espaço escolar, desafiando a gestão escolar, pais, professores, alunos e toda comunidade escolar.

A escola tem sido pensada para ser um espaço de sociabilidade, trocas de experiências e fortalecimento de vínculos. O grande desafio tem sido lidar com os diversos conflitos que surgem rotineiramente entre os sujeitos que constituem a sua comunidade. A sociedade brasileira tem assistido noticiários informando um crescimento do número de casos de violência na escola, o que tem levado educadores e outros agentes a refletirem sobre os fatores que podem influenciar esse quadro.

É válido lembrar que a violência escolar, segundo Charlot (2002), possui ao menos três dimensões: a violência na escola, que ocorre no espaço escolar, mas não necessariamente voltada às atividades escolares; a violência à escola, essa voltada a instituição escolar, como depredações e/ou a seus servidores/colaboradores; e, ainda, a violência da escola, institucional, praticada por seus agentes.

No presente texto, nos propomos a discutir sobre os atuais ataques nas escolas de educação básica no Brasil, trazendo ao debate elementos que estão associados ao universo dos estudantes das redes de ensino do país e que trazem implicações a tal mudança de cenário nos contextos escolares.

O objetivo geral desta proposta é refletir sobre os fatores socioculturais presentes no cotidiano dos jovens, a fim de entender como se relacionam com o aumento da violência e ataques nas escolas de Educação Básica. Dentro dessa perspectiva, trazemos algumas definições de termos importantes no contexto da violência escolar, como o que é considerado violência escolar, algumas classificações, locais de ocorrência, autores e vítimas. Além disso, pontuamos alguns fatores associados a esse aumento da violência, como a influência da indústria cultural, bem como as implicações desses fatores do cotidiano escolar.

Os procedimentos metodológicos utilizados contam com um levantamento teórico, bibliográfico e documental, que serviu de embasamento para as análises e discussões feitas em torno das manchetes e postagens sobre casos de violência ocorridos nos últimos meses em diversas regiões do Brasil, sob uma abordagem qualitativa, ancorada no campo teórico de estudos críticos e pós-críticos em educação.

## **DISCUSSÕES TEÓRICAS**

Ao trazer à discussão o cenário crescente de violência nas escolas é importante conhecer esse fenômeno, não apenas empiricamente, mas com fundamentação teórica, a fim de que o enfrentamento dessa realidade possa ocorrer de forma mais efetiva. Sendo assim, partimos da definição do que pode ser considerado como violência escolar.

Yamasaki (2007) defende a importância de identificar quais episódios podem ser interpretados como violência escolar, pois ela não pode ser confundida com criminalidade. Segundo a autora, a fronteira entre o crime e os atos de violência está cada vez menos perceptível, o que exige muito critério e cuidado por parte da escola, a fim de não reproduzir posições conservadoras que atribuem a origem ou autoria da violência a grupos marginalizados ou subalternizados, o que já pode ser considerado um tipo de violência.

Segundo relatório da UNESCO (2019), a violência escolar é um problema que atinge, anualmente, 246 milhões de estudantes no mundo todo. Ela inclui violência física, psicológica, violência sexual e o bullying, podendo ser praticada e vivenciada pelos diversos sujeitos da comunidade escolar, estudantes, professores e demais funcionários da escola. É importante destacar que qualquer que seja o tipo de violência, é considerada uma violação ao que prevê a constituição de 88, quando se refere à educação como um direito de todos.

Todas as formas de violência escolar e bullying violam o direito fundamental à educação e, da mesma forma, ambientes de aprendizagem não seguros reduzem a qualidade da educação para todos os estudantes. Nenhum país será capaz de atingir uma educação inclusiva e de qualidade se os estudantes estiverem expostos à violência na escola (UNESCO, 2019, p. 5).

Barbosa et al (2021) afirma que a escola não é mais um local neutro, resguardado dos riscos exteriores e destaca algumas categorias de violência que precisam ser consideradas nesse contexto, como as ameaças, brigas, uso de

armas de qualquer que seja a espécie, roubos, furtos, racismo, bullying e cyberbullying.

A Lei nº 13.185, de 2015, institui o Programa de Combate a Intimidação Sistemática e define o bullying como uma prática quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação, de forma intencional e repetitiva. O programa aponta que tal prática objetiva intimidar ou agredir a vítima, causando dor e angústia, em uma relação de desequilíbrio de poder. O parágrafo único do art. 2, aponta como cyberbullying a intimidação sistemática na rede mundial de computadores, a partir de seus instrumentos próprios, cujo fim é depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial. O relatório da UNESCO (2019) aponta o cyberbullying como uma dimensão de maior risco e dor.

**Figura 1** - Violência escolar e bullying



Fonte: UNESCO, 2019, p. 15.

A violência escolar não está restrita aos espaços internos da escola, pois muitos tipos de violência ocorrem no deslocamento e/ou no entorno da escola, assim como no ambiente virtual. Do mesmo modo, os estudantes não são os únicos autores ou vítimas da violência, visto que ela alcança todos os que trabalham ou participam do cotidiano da escola. A própria escola pode sofrer violência, quando é vítima de vandalismo e/ou depredação, assim como também pode cometer, quando se omite de sua responsabilidade ante aos atos violentos, quando não discute sobre os fatores de reprodução dessas práticas.

UNESCO (2019, p.17) aponta que todas as crianças e adolescentes podem estar sujeitas a violência, mas que a situação de vulnerabilidade as submetem a uma situação de maior propensão “devido a fatores como a pobreza, status social associado a etnia, deficiências, diferenças linguísticas ou culturais, migração ou deslocamento, ou por serem órfãs ou provenientes de famílias afetadas pelo HIV”, além disso, a aparência física, como a obesidade ou magreza excessiva, apontam como um forte desencadeador do bullying.

## A INDÚSTRIA CULTURAL E O CENÁRIO ATUAL DE VIOLÊNCIA

Podemos destacar que, a violência se faz presente nos mais diversos cotidianos, mas isso, segundo Zanon e Brown (2016), já ocorre há décadas e sempre chamou a atenção de estudiosos de variadas áreas. No entanto, as formas de violência não são as mesmas, houve períodos em que a violência física era predominante, hoje ela existe, mas também vemos a violência manifestada “nos noticiários de TV, [na] nossa constituição como ser e em todas nossas relações sociais” (ZANONI; BROWN, 2016, p.6). Ou seja, se faz presente em todos os espaços sem que, muitas vezes, seja percebida.

As autoras entendem que a violência participa do processo de constituição do ser humano e, neste caso, é imprescindível pensar no papel das mídias, porque elas estão presentes nesse processo desde o nascimento e caminham com o indivíduo ao longo do seu desenvolvimento, sendo considerada uma das formas de disseminação da violência. Dito isto, vale sinalizar uma possível influência e/ou legitimação das mídias a ataques violentos como os que têm ocorrido nas escolas, embasado no conceito de Indústria Cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 2016). Ainda segundo Zanon e Brown

[...] em uma conferência radiofônica em 1962, na Alemanha, Adorno (1986b) explica o motivo da substituição do termo cultura de massa para Indústria Cultural. O autor aponta que a cultura de massa surge espontaneamente, ao passo que a Indústria Cultural haveria uma padronização do comportamento de forma imposta (ZANONI; BROWN, 2016, p.7).

Adorno e Horkheimer afirmavam que a barbárie era legitimada, em parte, pela reprodução da Indústria Cultural e, por esse motivo, defendiam a urgência de uma reeducação contra a forma como a vida estava sendo apoderada por comportamentos violentos, portanto, contra tal reprodução da Indústria Cultural, uma que vez, que ocorria sem reflexão, muito menos, questionamentos (HABOWSKI; CONTE; BRANCO, 2018). Desse modo, a violência havia se instalado e atingia a todos, pois, “os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.60). Todos eram forçados, como apontam os autores, a passar pelo filtro da indústria cultural, sendo assim:

Cabe promover um olhar crítico e atento às obras cinematográficas, em especial, a respeito das ideologias que se encontram subjacentes, para que não se tornem conservadoras de gestos ofensivos, dispersivas em acelerações mecânicas e incitadoras de barbárie, devido à ausência de debates educativos. Os discursos presentes na produção cinematográfica são, em inúmeras ocasiões, contraditórios porque não contemplam as diferenças, o que muito propicia o aniquilamento do outro o poder de dominação, o empobrecimento cultural e a dessensibilização do sujeito (HABOWSKI; CONTE; BRANCO, 2018, p. [6]).

Pensando na infância, nas crianças, os filmes de animação fazem parte do cotidiano delas e, além de produzir sentidos, eles inserem nas cabeças delas o que a empresa cinematográfica deseja. Adorno e Horkheimer (1985), citaram a animação do Pato Donald recebendo agressões em alguns episódios, sendo,

portanto, uma forma dos espectadores se acostumarem com o que eles próprios recebem.

Além disso, as mídias “apresentam uma vida possível, no entanto, utópica e irreal, enfraquecendo o caráter histórico dos acontecimentos e as experiências de aprendizagens sociais” (HABOWSKI; CONTE; BRANCO, 2018, p. 8). Aquele que não consegue viver ou experimentar essa vida possível, perpetuada pela Indústria Cultural, “é renegado e torna-se excluído socialmente, já que vive à margem da cultura funcionalista das grandes massas” (HABOWSKI; CONTE; BRANCO, 2018, p. 9), o que pode provocar posicionamentos e comportamentos negativos frente aos indivíduos, a sociedade, que o faz se sentir excluído.

Trazendo essa discussão para o contexto educacional, no texto “Educação após Auschwitz”, Adorno (1995) afirma que o ocorrido em Auschwitz representou uma regressão e um alerta, no sentido de que poderia se repetir. Para o autor, era necessário pensar como o ser humano se tornava/torna capaz de exercer tal brutalidade e, respaldado na psicanálise, ele indicou que isso deveria começar a ser verificado na primeira infância, onde se formaria a personalidade dos indivíduos. Nesse sentido, o autor propôs uma educação contra a barbárie que, dentre outras coisas, pode desenvolver no indivíduo a autocrítica.

Com a educação contra a barbárie no fundo não pretendo nada além de que o último adolescente do campo se envergonhe quando, por exemplo, agride um colega com rudeza ou se comporta de um modo brutal com uma moça; quero que por meio do sistema educacional as pessoas comecem a ser inteiramente tomadas pela aversão à violência física (ADORNO, 2003, p.165).

Uma educação que resgate a sensibilidade, que há tempos tem perdido espaço para a indústria cultural, que em alguns conteúdos, tratam a violência de forma banal. A educação escolar, inclusive, poderia usar a cinematografia para desenvolver tal formação contra a barbárie, utilizando como recurso os filmes. Esses podem ser propostos de forma problematizadora da realidade e promover um despertar para novas formas de nos relacionarmos.

Não há a intenção, aqui, de afirmar que é responsabilidade da escola enfrentar a violência instaurada em nossa sociedade, mas pode ser um dos meios de realizar tal enfrentamento, pois se constitui como um espaço no qual passa grande parte da população. Com isso, através dele é possível propor práticas de aperfeiçoamento das interações, das trocas, da conversação, com o intuito de promover uma ação frente às ações violentas que ocorrem no dia a dia.

### **O CONTEXTO DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: Breves discussões**

Segundo Cubas (2006) e Charlot (2002), abordar a temática de violência nas escolas não é uma tarefa fácil, pois exige precisão no que concerne a estigmatização dos atores envolvidos e a definição do que se entende por violência no ambiente escolar, visto que o objeto de estudo ainda está em construção, gerando assim uma série de discussões entre pesquisadores.

Um dos pontos destacados por Charlot (2002) é a dificuldade em trabalhar a temática de violência nas escolas, pois o problema da violência escolar não é

recente, apenas são consideradas novas formas nas quais essas violências são manifestas. O autor destaca quatro aspectos que merecem atenção: primeiro, o surgimento de formas de violência mais graves, tais como: estupros, homicídios e agressões com armas que, mesmo de difícil acesso, dão impressão de que não há limite em tais ações; em segundo, pontua a idade cada vez menor dos atores envolvidos e em terceiro, a ação de agentes externos que ocupam o espaço da escola com agressões, nesse sentido, não é vista como um lugar protegido, mas como um lugar com segurança vulnerável, passível de ataques vindos de fora. O último aspecto está ligado ao acúmulo de casos que não são necessariamente violentos, mas que criam a sensação de ameaça constante, em geral, ligado à escolas de bairros considerados “problemáticos”, onde o sentimento de angústia atinge a comunidade escolar, que passa a ficar em constante estado de alerta à presença de sinais que representem perigo psíquico, físico ou emocional.

Além disso, Cubas (2006) destaca a importância de identificar na prática, quais atos devem ser considerados violentos e quais maneiras podemos utilizar para que essas ações sejam evitadas. Nesse sentido, o autor explica o quanto importante é conhecer os tipos de violências, para que a partir daí, se montem estratégias de combate. À vista disso, Charlot (2002) destaca a necessidade de distinguir a violência a partir de três conceitos: a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola.

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar as contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em outro local. [...] a violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, [...] essa violência contra à escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (os modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas) (CHARLOT, 2002, p. 2-3).

A partir disso, Charlot (2002) analisa como se dá no interior dessas instituições a representação dominante do problema e suas múltiplas características. Para ele, se a escola é largamente (mas não totalmente) impotente, face à violência na escola, ela dispõe (ainda) de margens de ação relacionadas à violência à escola e da escola. Além disso, Cubas (2006) discute que a tentativa de delimitar fronteiras às ações que ocorrem no ambiente escolar de nenhuma maneira deve negar as especificidades do fenômeno. Isso porque as violências não possuem significados únicos, mas sofrem variações de acordo com o contexto e atores envolvidos no processo.

Ruotti (2006) destaca que desde a década de 90, a violência nas escolas vem adquirindo destaque no debate público e acadêmico, além da grande visibilidade na mídia. A problemática vem sendo abordada sob diferentes perspectivas. O autor destaca que,

[...] um problema que era restrito a manifestações de agentes externos contra o patrimônio público, começa a ser relacionado às condições de violência social, ou seja, ao aumento da criminalidade nos grandes centros urbanos, inclusive, nas áreas periféricas. Além desse enfoque, ganham também importância as análises que se reportam à violência escolar stricto sensu, ou seja, à violência que surge dentro da instituição escolar a partir das relações entre os seus diferentes membros. A violência escolar, como um problema social, acaba por requerer também a atenção do Estado, que intervém de maneiras diferenciadas, dependendo da concepção que tem sobre essa violência. Assim, o poder público passa a tratá-la no país, em algumas ocasiões, como um problema apenas de segurança, o que é evidenciado pelas medidas de policiamento nas escolas e instalação de equipamentos de segurança (RUOTTI, 2006, p. 55-56).

O grande problema é tratar a violência nas escolas como situação que poderá ser sanada apenas com a medidas e instalação de equipamentos de segurança, bem como de policiamento nesses locais. Diagnosticar os problemas de violência nas escolas e indicar possíveis soluções de segurança para os agentes educacionais é uma questão que envolve análises e ações mais efetivas. Por que tanta violência nas escolas? Quem são as pessoas envolvidas? Por que tais ações ocorrem? Quais medidas tomar? Quais as consequências dessa violência? Esses são questionamentos que perpassam os intensos debates em volta desse tema, discuti-las se torna mais que essencial.

Percebe-se que a escola tem sido alvo de diferentes ataques realizados por estudantes e/ou outros sujeitos externos. Esses ataques são realizados por meio de invasões e ocorrem por meio de ações violentas com armas de fogo e outros artefatos, deixando vítimas e estragos irreparáveis. Isso tem gerado intensos debates, pois deixaram de ser eventos isolados e passaram a ser corriqueiros em diversas partes do país. Muitas dessas discussões têm levantado que essas manifestações violentas estão relacionadas às questões políticas e sociais em andamento no país, bem como a propagação e falta de controle das mídias em relação a reunião e difusão de grupos de ódio na internet.

Os casos mais recentes de ataques a escolas mostram um quadro que tem se agravado de forma significativa nos últimos anos. Dados apontados em relatório recente, Brasil (2022), demonstram que os eventos de violência às escolas no Brasil iniciaram de forma acentuada na primeira década dos anos 2000. Antes disso, não havia registros desses tipos de ataques.

O documento evidencia que até 2022 foram 16 ataques em escolas brasileiras, dentre eles, 4 aconteceram no segundo semestre de 2022. Foram 35 vítimas fatais e 72 feridos. Uma preocupação alarmante é que, somente em 2022 e 2023, o número de ataques em escolas no Brasil já supera o total registrado em 20 anos. Segundo levantamento feito pela pesquisadora Michele Prado, do Monitor do Debate Político no Meio Digital da USP (Universidade de São Paulo), entre outubro de 2022 e março de 2023, foram registrados 22 ataques<sup>1</sup>.

Ainda segundo a pesquisadora, o aumento da frequência dos ataques no país é fruto da radicalização online e da cultura de violência que atinge o público a partir dos 10 anos. Já o relatório “O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental<sup>2</sup>”

(BRASIL, 2022), aponta que os casos de ataques com armas de fogo e outros artifícios, podem estar associados ao bullying e situações prolongadas de exposição a processos violentos, que incluem negligência familiar, autoritarismo parental e conteúdo disseminado em redes sociais e aplicativos de mensagens. O documento evidencia que o tipo de violência ocorrida neste espaço acontece justamente por ser o local principal de socialização e aprendizagem dos jovens e é ocasionado por dois fatores que são complementares. O primeiro é o sentimento de vingança em relação à comunidade escolar, por algo que trouxe sofrimento aos agressores. O outro, por sua centralidade social, pois os ataques às escolas possuem um alto impacto midiático, servindo como estratégia de disseminação de práticas extremistas.

É importante dizer que não há uma “receita mágica” para evitar tais práticas. Para combater a problemática é necessária uma visão ampla, que ultrapasse as consequências do problema e enfrente as causas de tais atos. A escola é um espaço de liberdade, criação, criticidade e de criatividade, não um local que funcione apenas por meio da inserção de mecanismos de segurança, tornando o espaço mais insalubre e hostil, o que pode intensificar o risco de novos ataques.

É preciso que a escola exerça o que é estabelecido no art. 205 da Constituição Federal, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, n.p). Isso porque um ambiente escolar conflitivo não é uma via de acesso para tornar o espaço mais humano e acolhedor. Para garantia de um espaço de liberdade, criação, criatividade e criticidade é necessário que os agentes externos desenvolvam ações conjuntas, observando os diversos contextos nos quais esses indivíduos estão inseridos.

Brasil (2022) evidencia que os debates em relação às ações extremistas desencadeadas no Brasil durante os últimos períodos não podem anular as questões que envolvem o racismo contra a população negra e indígena, o machismo, o discurso de ódio contra as comunidades LGBTQI+, a misoginia e outros discursos discriminatórios contemporâneos. Além disso, aponta que os alvos de cooptação desses discursos de extrema-direita são massivamente adolescentes brancos e heterossexuais, com destaque para a presença da misoginia, levando muitas mulheres a serem alvos frequentes dos ataques.

Um outro ponto a ser observado está ligado às alterações de comportamentos dos estudantes, dentre os quais podemos citar o interesse incomum por assuntos violentos, atitudes físicas ou verbais violentas, agressividade e uso de expressões pejorativas ao falar com mulheres e meninas, racismo, LGBTQIA+fobia, bem como, a exaltação a ataques em ambientes educacionais ou religiosos. Nesse contexto, é urgente o enfrentamento a ações do extremismo de direita, que na maioria das vezes, são banalizadas e secundarizadas, sendo necessário o conhecimento da origem desses ataques. Isso por que, esses aspectos pormenorizados são fundamentais para entender a dinâmica desse processo, assim como cita Abramovay (2021).

As microviolências podem passar despercebidas e são muitas vezes consideradas normais por todos. Entretanto, possuem um impacto importante na criação de um clima de insegurança. [...] Dentro de uma concepção ampla do fenômeno da violência e sua interferência no cotidiano escolar, microviolências são vistas efetivamente como violências, e são cada vez mais comuns (ABRAMOVAY, 2021, p. 9).

Nesse sentido, a escola deve ser vista como um espaço plural e diverso que recebe cotidianamente influências externas. Como já mencionado, a ação de grupos extremistas é resultado de uma cultura violenta, perpetuada nos últimos anos e que muitas vezes, utiliza as escolas como espaços de intimidação e ameaças. Ataques de extrema-direita operam cotidianamente e se expressam em comportamentos racistas, misóginos, homicidas e agressivos, portanto, requer a identificação das razões que levam a juventude a se colocar em tais movimentos e é essencial agir para superar essa realidade.

Desse modo, a articulação deve ser realizada pensando na realidade educacional das comunidades e redes escolares, os currículos, que em geral são construídos sem a participação direta de docentes e estudantes e, que negam as reais necessidades à garantia da qualidade da educação. Prevenir e impedir práticas de violência, em especial os ataques ocorridos nos últimos anos, passa por ações extra e intraescolares por meio de um trabalho intersetorial, com ação efetiva de órgãos públicos, gestão das redes públicas de ensino, professores, pais e alunos. Levando em consideração os ataques ocorridos durante os últimos anos, em especial em 2023, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, se reuniu com chefes dos poderes executivo e legislativo para debater a ampliação da segurança no ambiente escolar<sup>3</sup>.

Segundo o presidente, a problemática não será resolvida apenas com investimento econômico, mas com várias ações de combate, como elaboração de materiais pedagógicos direcionados a comunidade escolar, criação de grupos de trabalhos coordenados pelo Ministério de Educação (MEC), com o objetivo de desenvolver medidas preventivas e imediatas de proteção do ambiente da escola, programas de formação e apoio, com foco nas secretarias estaduais e municipais de educação, programa de ações articuladas para a implementação de núcleos psicopedagógicos e de apoio psicossocial nas escolas.

Além disso, o presidente ressaltou a necessidade da criação de uma política educacional familiar e humanizada, isso porque, a implantação de redes de segurança não seria o caminho para a solução do problema. Isso quer dizer que a formação que combata os diferentes tipos de violência, bem como a cooptação de jovens por grupos extremistas, não será possível em escolas permeadas de redes de segurança, militarizadas e transformadas em local de confinamento e punição. A escola precisa ser um espaço saudável, acolhedor e diverso, respeitando o disposto na missão constitucional da educação, descrita no art. 205 da Constituição Federal (BRASIL, 1988).

Para o trabalho efetivo de combate às violências, os fatores que permeiam todo o contexto precisam ser analisados, para isso, os atores envolvidos no processo precisam trabalhar em conjunto, em busca da devida transformação do atual quadro. Para isso, cabe salientar o papel da gestão democrática e da

articulação das redes de ensino no tocante ao tema da prevenção ao extremismo. Isso porque, pautas como essas precisam ser debatidas nos Conselhos Escolares e nos outros espaços da escola, viabilizando discussões coletivas entre todos os membros das comunidades escolares por todo o país.

A participação dos alunos e alunas na gestão escolar possibilita que estes e estas, além de seus pares, dialoguem com gestores, professores, demais profissionais de educação, pais e responsáveis e debatam temas que são de interesse dos estudantes e da sociedade, fortalecendo vínculos e construindo novas formas de sociabilidade. Assim, a comunicação entre esses diferentes atores que compõem a comunidade escolar e local se fortalece e o espaço escolar se torna mais participativo, plural, inclusivo e conectado com os debates e problemas sociais mais amplos (BRASIL, 2022, p. 23).

A partir dessas reflexões é importante destacar a necessidade da organização política da escola e a sensibilização dos seus agentes em defesa da educação para a liberdade, desenvolvendo ações antirracistas, antissexistas, anticapacitistas, com inclusão de todas as pessoas. Além disso, é preciso identificar e problematizar as causas e consequências pontuais dos atos violentos, inclusive, com ações pedagógicas que debatam os fundamentos e o cenário que impulsionam os ataques em cada região específica.

Ignorar a existência e culpabilizar sem entender o contexto no qual estão imersas as violências não é um caminho saudável. É necessário que, em conjunto com pais, alunos, professores e gestão, as ações coletivas sejam delegadas e postas em prática, com vistas a construção de um espaço escolar livre, crítico e com qualidade para a formação de um sujeito de direitos e deveres, que exerça sua cidadania de maneira integral.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estudar sobre os fatores socioculturais presentes no cotidiano dos jovens, principalmente, o escolar, é extremamente importante para nos aproximarmos cada vez mais da compreensão desse fenômeno de violência e ataques nas escolas de Educação Básica. É essencial agir preventivamente, de forma imediata e eficaz, para que esse espaço não seja associado à barbárie. É urgente debater o tema nas escolas, junto aos alunos, aliado a outros temas que atravessam a problemática de modo reflexivo, visto que os estudantes convivem e vivenciam com episódios desse gênero.

Além disso, reafirmamos o quanto as ocorrências de violência em escolas, bem como em outros espaços, tendem a estar associadas à Indústria Cultural. E, nesse sentido, torna-se emergente realizarmos discussões mais amplas, com o objetivo de alcançar a maioria de residências possíveis, a respeito do impacto e/ou influência que as mídias têm tido sobre o processo de constituição dos indivíduos.

E, pensando no contexto escolar, despertar os olhares dos estudantes para tal fator é de extrema relevância. É importante que eles compreendam o quanto devemos olhar e assimilar as coisas com criticidade. Ou seja, a união entre escola

e família é valiosa, se não essencial, para que haja um processo de enfrentamento ao cenário de violência.

# The scenario of violence in focus: discussing the current attacks on basic education schools in Brazil

## ABSTRACT

The recent violent attacks on elementary schools in different regions of Brazil have been the subject of numerous debates and reflections. In this paper, we bring some of these discussions to reflect on the sociocultural factors that influence and correlate with the increase in violence and attacks in basic education schools. For this, it was established as specific objectives to define some important terms in the discussions about school violence, discuss the factors that may interfere in the increase of cases of violence in schools, and discuss how young people can be influenced by the cultural industry in their school practices. The methodology used was based on a bibliographic and documental analysis under a qualitative approach and included the analysis of headlines from electronic newspapers and some posts involving recent cases of school violence. Among the main results achieved, it is suggested the promotion of strategies so that the school space does not continue being the target of violent episodes, as has been happening in recent years. Among these strategies, we can mention the union between school and family, the work of school management, and actions coming from the state, translating into a joint and interrelated work of these agents.

**KEYWORDS:** School violence. Basic education. Cultural industry.

# El escenario de la violencia en el punto de mira: debate sobre las agresiones actuales en las escuelas de enseñanza básica de Brasil

## RESUMEN

Los recientes ataques violentos ocurridos en escuelas de educación básica en diferentes regiones de Brasil han sido objeto de numerosos debates y reflexiones. En este trabajo, traemos algunas de estas discusiones con el fin de reflexionar sobre los factores socioculturales que influyen y se relacionan con el aumento de la violencia y los ataques en las escuelas de educación básica. Para eso, se establecieron como objetivos específicos definir algunos términos importantes en las discusiones sobre violencia escolar, discutir los factores que pueden interferir en el aumento de casos de violencia en las escuelas y discutir cómo los jóvenes pueden ser influenciados por la industria cultural en sus prácticas escolares. La metodología utilizada partió de un análisis bibliográfico y documental, bajo un abordaje cualitativo y contó con el análisis de titulares de periódicos electrónicos y algunos posts que involucran casos recientes de violencia escolar. Entre los principales resultados alcanzados, se sugiere la promoción de estrategias para que el espacio escolar no continúe siendo blanco de episodios de violencia, como viene ocurriendo en los últimos años. Entre estas estrategias, podemos citar la unión entre la escuela y la familia, el trabajo de la dirección escolar y las acciones provenientes del Estado, traduciéndose en un trabajo conjunto e interrelacionado de estos agentes.

**PALABRAS CLAVE:** Violencia escolar. Educación básica. Industria cultural.

## NOTAS

- 1 **Fonte:** OS dados que mostram explosão no número de ataques a escolas no Brasil. **BBC News Brasil**, 05 abr. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckryl4epnpeo>. Acesso em: 14 mai. 2023.
- 2 **Fonte:** BRASIL. Relatório: o extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às instituições de ensino e alternativas para a ação governamental. Campanha Nacional pelo Direito à Educação, São Paulo, 11 dez. 2022. Disponível em: [https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio\\_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental\\_RelatorioTransicao\\_2022\\_12\\_11.pdf](https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_11.pdf). Acesso em: 27 abr. 2023.
- 3 **Fonte:** FERREIRA, Alice Cravo e Paula. Violência nas escolas: Lula faz reunião com Três Poderes para debater políticas de segurança. **O Globo**, Brasília, 18 abr. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/04/violencia-nas-escolas-lula-faz-reuniao-com-tres-poderes-para-debater-politicas-de-seguranca.ghtml>. Acesso em: 14 mai. 2023.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. **Programa de prevenção à violência nas escolas violências nas escolas**. FLACSO BRASIL, Violências nas Escolas 2ª Ed., 2021.
- ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1986.
- BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial da União**, Brasília - DF, 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm). Acesso em: 25 abr. 2023.
- BRASIL. **O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às instituições de ensino e alternativas para a ação governamental**. Campanha Nacional pelo Direito à Educação, São Paulo, 11 dez. 2022. Disponível em: [https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio\\_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental\\_RelatorioTransicao\\_2022\\_12\\_11.pdf](https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_11.pdf). Acesso em: 27 abr. 2023.

BRASIL.[Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, n.p. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 24 abr. 2023.

CHARLOT, B. A violência nas escolas: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, 4(8), 2002, p.432-443. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200016>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CUBAS, V. Violência nas escolas: como defini-la? IN: RUOTTI, Caren. **Violência na escola : um guia para pais e professores** / Caren Ruotti, Renato Alves, Viviane de Oliveira Cubas. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

HABOWSKI, A. C.; CONTE, E.; BRANCO, L. S. A. A violência institucionalizada pela indústria cultural : debates educativos. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 481–498, 2018. DOI: 10.20396/riesup.v4i2.8651336. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8651336>. Acesso em: 27 abr. 2023.

OS dados que mostram explosão no número de ataques a escolas no Brasil. **BBC News Brasil**, São Paulo, 05 abr. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckryl4epnpeo#:~:text=Levantamento%20feito%20pela%20pesquisadora%20Michele,2002%20e%20mar%C3%A7o%20de%202023>. Acesso em: 27 abr. 2023.

SOLHEID, M.; STIGAR, R. Cidadania e violência: um desafio para os direitos humanos. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Enfrentamento à violência escolar**. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos–Curitiba: SEED – Pr., 2010. - p. 172 (Cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos). Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos\\_tematicos/tematico\\_violencia\\_vol1.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/tematico_violencia_vol1.pdf). Acesso em: 22 abr. 2023.

RUOTTI, C. Conflito e insegurança escolar nas zonas Leste e Sul do município de São Paulo. IN: RUOTTI, Caren. **Violência na escola : um guia para pais e professores** / Caren Ruotti, Renato Alves, Viviane de Oliveira Cubas. – São Paulo : Andhep : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

UNESCO. **Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial**. Brasília: UNESCO, 2019, 54 p. Disponível em: <https://prceu.usp.br/wp-content/uploads/2020/10/2018-UNESCO-Relatorio-Violencia-Escolar-e-Bullying.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2023.

YAMASAKI, A. **A Violências no contexto escolar: um olhar freiriano**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, University of São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19102007-150455/en.php>. Acesso em: 07 abr. 2023.

ZANONI, E.; BROWN, N. Violência: Relação entre a indústria cultural de T. W. Adorno y M. Horkheimer e o discurso capitalista de J. Lacan. **Psicol. Conoc. Soc.**, Montevideo, v. 6, n. 1, p. 5-28, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1688-70262016000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262016000100002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 Abr. 2023.

**Recebido:** 02 jul. 2023

**Aprovado:** 19 ago. 2023

**DOI:** 10.3895/rtr.v8n0.17237

**Como Citar:** FERREIRA, V. J.; SANTOS, M. S.; ORIENTE, S. B. O cenário da violência em destaque: discutindo os atuais ataques nas escolas de educação básica no Brasil. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 8, e17237, p. 1-17, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Valdirene de Jesus Ferreira  
vjferreira@estudante.ufscar.br

**Direito Autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

